

“TREMORES” – POR ENCONTROS QUE ABRAM FENDAS NO CURSO NORMAL DAS COISAS

Ludmila Gonçalves Martins¹

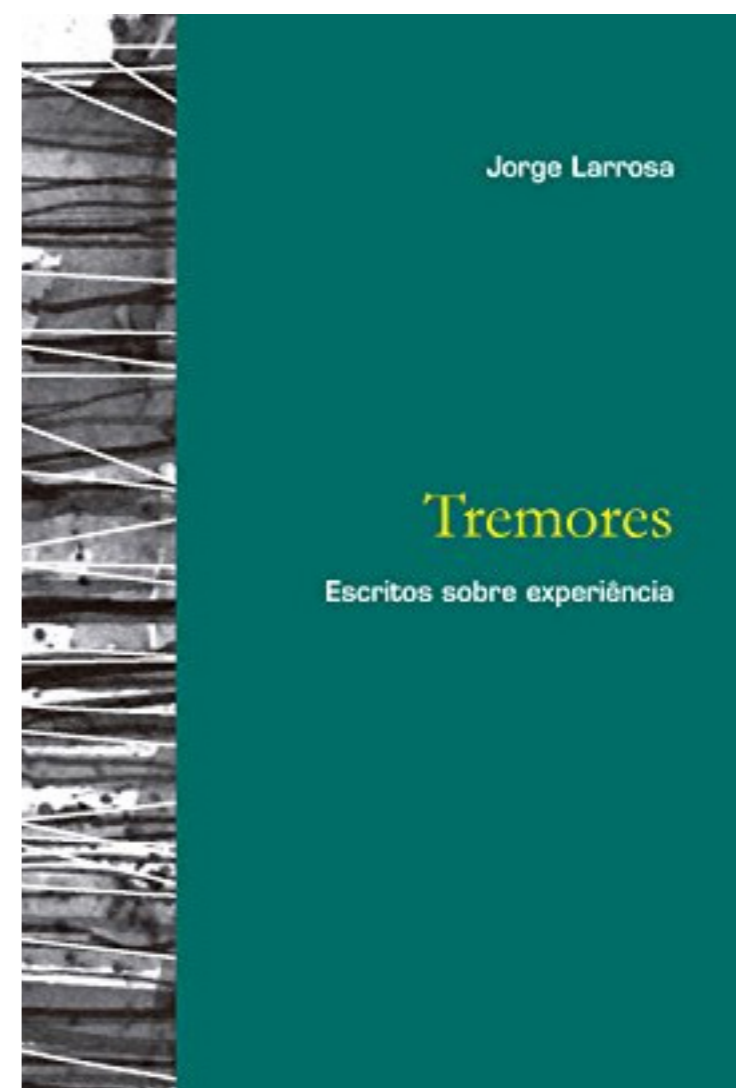
LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016. 175 p. (Coleção educação: experiência e sentido). ISBN: 978-85-8217-437-1.

“A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura” (p. 5), Jorge Larrosa começa seu livro com uma sentença provocativa convidando-nos a contestar a verdade como objetividade das coisas, como uma apreensão da realidade em si. “Tremores – escritos sobre a experiência” traz uma compilação de textos cuja tônica se assenta na proposição de que a experiência como sendo aquilo que nos acontece, o que nos toca, dá sentido ao nosso conhecimento e aprendizagem.

Osaberdaexperiêncialarrosianacontestaaconformaçãodomundopelaunicidadenarrativa e questiona a associação linear entre saber e informação na produção do conhecimento. A informação enquanto exterior ao sujeito não se coaduna à experiência e o saber, por sua vez, não deve ser tomado como mercadoria “[...] como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação” (p. 19). Evocar o conhecimento “[...] como práxis reflexiva ou como experiência dotada de sentido, não é somente uma questão terminológica” (p. 17) é também um movimento importante de abertura à educação e seus tradicionais pares ciência/técnica, ou ainda, teoria/prática, para outra abordagem pedagógica possível, a partir da relação entre experiência e sentido.

Partindo da tese de que “o sujeito moderno se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação” (p. 24), não experiencia o saber, o viver, não se afeta, apenas responde estímulos, Larrosa aponta o excesso de informação, o excesso de opinião e a escassez de tempo como impossibilidades à experiência. “A experiência, a possibilidade de que algo

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa RASURAS – Linguagem, Poética e Movimento. ludmilamartins@yahoo.com.br.
✉ Avenida Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário Alaor de Queiroz Araújo, Vitória, ES. 29075-910.



nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção” (p. 25). Nestes termos, a passividade, a receptividade e a disponibilidade são características do sujeito da experiência, um sujeito “ex-posto” que se permite uma abertura ao acontecimento como experiência e não como experimento, algo preditível e previsível cuja gramática se constitui de enunciados a espera de uma confirmação ou não.

Da experiência não se procura uma resposta; parte-se de uma inquietação. E o problema das gramáticas constituídas da experiência como experimento é que elas se valem de um esquema de pensamento estabelecido para simular uma novidade, “por isso uma gramática constituída nos permite dizer “o que todo mundo diz”, ainda que creiamos que dizemos coisas ‘inovadoras’ [...]” (p. 37). Larrosa, ao dizer que a experiência se elabora a partir daquilo que nos toca, do que nos mobiliza, não encerra a ideia de experiência em um início e fim, abre-a para um possível.

Desorientar o pensamento para suspender a opinião, suspender a vontade, suspender o automatismo para cultivar outro modo de pensar, de aprender. Não como um novo modelo; isso seria cair na armadilha do saber da informação, aquele que exige respostas viáveis, e, de preferência, replicáveis. Mas, por um pensamento em causa que desvincule “[...] a palavra experiência de suas conotações empíricas e experimentais” (p. 41). Por um pensamento que abra fendas nas gramáticas constituídas e se torne um território de passagem para outras escritas de mundo.

Um modo de escrever não se dissocia de um modo de inscrição. Constituem uma gramática de enunciados que agenciam as condições para um modo de habitar o mundo; processo este que não está descolado de noções políticas e estéticas: “não há políticas da verdade que não sejam, ao mesmo tempo, políticas da língua. Os aparatos de produção, legitimação e controle do conhecimento são,

indistintamente, aparatos de produção, legitimação e controle de certas linguagens” (p. 60). A crítica de Larrosa se refere ao modo como diversos dispositivos, por exemplo, sociais, religiosos, midiáticos, terapêuticos, funcionam para dar uma aparência de sentido à vida.

Sob os mais diversos disfarces os especialistas (ou a opinião pública), ainda que se coloquem como autores, escondem-se por trás de uma escrita vazia de experiência. Apropriam-se do conhecimento técnico e nele se apoiam para tentar replicar certa “experiência”. Não é de modo ingênuo que Larrosa pergunta: “o que seria dos professores, dos *experts* e dos pesquisadores se lhes pedissem que dissessem o que aprenderam, o que viveram, o que pensaram, e não o que lhes foi ensinado?” (p. 82). Na medida em que as palavras são alheias ao que nos acontece, as formas consensuais de linguagem apresentam muros à experiência, pois, faltam-nos palavras ou elas se tornam insignificantes à nossa experiência.

Em alternativa as formas consensuais de linguagem, Larrosa sugere como movimento abrir-se para uma escrita genuína, uma escrita própria. Uma escrita a partir de nossas próprias vivências. Ou seja, uma escrita própria não significa falar de si, mas a partir de nós mesmos. E, assim nos afastarmos das seguranças discursivas de uma identidade posicional para dar abertura à língua da experiência, uma língua que tanto fala para alguém quanto com alguém.

Quando Larrosa afirma que “necessitamos de uma linguagem para a conversação. Não para o debate, ou para o diálogo, mas para a conversação” (p. 71), ele tensiona o sentido das palavras como uma problemática à experiência. Esta horizontalidade presente na ideia de conversa proporciona um sentido de pensar juntos, uma atividade de escrita (e de fala) em que ambos os interlocutores ocupem a mesma posição, nem acima, nem abaixo, uma atividade entre iguais ainda que um seja o mestre e o outro seja o aprendiz.

Por esta ótica, nem o saber dos eruditos, nem a opinião dos jornalistas fomentam a iniciativa contra o curso normal das coisas e suas gramáticas constituídas. “Não acredito que o pensamento possa ser um objetivo institucional” (p. 147). Esses muros hierárquicos das identidades posicionais constituem empecilhos ao pensamento tomado como acontecimento, impossibilitando a experiência. A desobediência à ordem devém um processo de desescolarizar o conhecimento, uma atividade que compreende “des-alunizar” o aluno, “des-professorizar” o professor e “des-disciplinar” as disciplinas (p. 128). Uma abertura à apropriação de gramáticas interrogativas para criar um espaço de leitura, de escrita e de pensamento que parta da igualdade [sem marcas posicionais] como potência compartilhada entre os interlocutores.

As linguagens da experiência (como abertura) se realizam no plano de expressão do acontecimento. E o uso do verbo “realizar” para dizer da relação entre experiência e acontecimento tem por intenção tratar a realidade como fenômeno do acontecimento. Fenômeno este em que a palavra realidade só tem validade como “real” se pensada em oscilação à palavra vida. Pois, assim como a vida, a realidade deve

ser pensada como uma questão aberta e cheia de incertezas. Neste sentido, as linguagens da experiência estão feridas de realidade, e, sendo a experiência aquilo que nos acontece, o acontecimento se torna uma marca em nossos corpos para falar daquilo que nos afeta, daquilo que nos padece.

Talvez a impotência que impregna as linhas do último capítulo seja um gesto de interrupção do autor às gramáticas constituídas. Uma vez que resistir ao discurso institucional que orienta o “curso normal das coisas” é um aprendizado que requer lentidão. Mas, estando sempre em atividade, em desassossego, não cultivamos com o conhecimento a arte do encontro. A experiência pulsa da vida, o que se apresenta como passado (nostalgia) ou como futuro (desejo) não gera possibilidade de abertura a outro processo educativo. Neste “fim de partida” (no limite das incertezas), na impossível relação entre experiência e agitação, compartilhamos a impotência de que talvez nada nos aconteça; de não conseguirmos dar tempo e espaço para nos apropriarmos de nossas palavras; de não produzirmos sentidos; ou, de não criarmos outras narrativas ao conhecimento. ☉